

# JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*

MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*

MARCOS SÁ CORRÉA — *Editor*

FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo*

Brasil  
com -

## Jogo Perigoso

Há um conto de H. G. Wells, chamado *A terra dos cegos*, que conta os esforços de um homem de visão normal para persuadir uma população cega de que ele tem um sentido do qual ela é destituída; fracassa, e a população decide arrancar-lhe os olhos para curá-lo de sua ilusão.

De uma certa forma, a população inteira do Brasil está exatamente no estágio do anticlímax da história de Wells, na dúvida se aceita os argumentos da única pessoa que diz ter olhos ou se rebela contra ele e o obriga a se comportar como os outros, refutando mais uma vez a oportunidade de resolver suas principais contradições.

O dilema atroz deste momento não é aceitar ou recusar os remédios amargos que já estão descendo pela garganta. Mas se adaptar psicologicamente às medidas que num impacto de avalanche alteraram de cabo a rabo o cotidiano da população.

O Novo Cruzado ressoa com o mesmo barulho do velho Plano Cruzado, mas a questão agora é saber se poderá redespertar as mesmas esperanças de antigamente. O peso de uma inflação violenta criou na população hábitos e vícios que terão de ser arrancados com muito esforço, como erva daninha.

Na época do velho Plano Cruzado, o consumidor, ao se sentir esbulhado, charjava a Sunab. Durante alguns meses milhares de pessoas passaram a acreditar que a Sunab, carregando o ranço de um quarto de século de burocratização, podia atender aos reclamos de uma população cansada de ser lograda. O mito da Sunab nem chegou a se consolidar. Afundou juntamente com o plano que tratara de resuscitá-la do limbo.

Agora, quando se ouve falar de novo em Sunab, a população se sente como se estivesse revendo uma ópera antiga. No novo plano, talvez por falta de motivação, conscientiza-se a popula-

ção de que ela própria é quem deve criar suas motivações.

Mas a sua primeira reação é saber como ficará dentro deste mar de decretos que a sacode inapelavelmente. Uns se preocupam com sua poupança. Outros com o aluguel. Outros ainda com as contas remuneradas que no decorrer dos últimos meses tratavam de impedir que a moeda entrasse num colapso vertiginoso (quando não contribuíam paradoxalmente para a vertigem).

São estes alguns dos valores que preocupavam a sociedade como um todo, e que a desviavam de outros valores, mais éticos, que andavam reclamando, inutilmente, sua atenção. A moeda se desfazendo literalmente nas mãos das pessoas era bem o símbolo do transe que a sociedade brasileira atravessava. As pessoas começavam por não acreditar na moeda que se liquefazia; por trás de tudo, estavam deixando de acreditar no país como instituição.

A inflação de um lado, os brutais déficits governamentais do outro, a seqüência de escândalos e sua respectiva impunidade, a descrença nos valores positivos - tudo contribuía para aquilo que um economista chamou de "processo de aprendizado" que nas sociedades modernas vai adquirindo características de um jogo fascinante (aqueles que tinham a capacidade de aprender rapidamente, podiam auferir lucros fantásticos).

Completava-se assim o ciclo destrutivo da hiperinflação, não só na máquina governamental mas também - e principalmente - na alma das pessoas que se sentiam na obrigação de também jogar o jogo posto na mesa. Agora, o que se pede é que se deixe de lado o jogo vicioso para a construção de uma nova economia liberta de vícios exóticos.

Em suma, que cada cidadão ingresse num novo círculo moral e participe de uma sociedade que não necessite se corrigir monetariamente a cada dia. Ao governo, nesta altura dos acontecimentos, cabe manter o exemplo.